

LAPLANTINE, François. “Introdução – o campo e a abordagem antropológicos”; “O Século XVIII: a invenção do conceito de Homem”. In: *Aprender antropologia*, São Paulo: Brasiliense, 1995, p.13-33.

Resenhado por Heber Junio Pereira Brasão¹

Priscilla Amaral Lima Vilela²

Denise Dias Alves Cocco³

LAPLANTINE, François é um Antropólogo cujas investigações mais importantes, realizadas nomeadamente no Brasil, dizem respeito à antropologia da doença, das religiões e, desde há alguns anos, às relações entre antropologia e escrita. Professor de Etnologia na Universidade Lumière-Lyon II, é autor de numerosas obras, entre as quais *Transatlantique: Entre Europe et Amériques latines*, Payot, 1994, e *La Description Ethnographique*, Nathan, 1996.

No livro *Tópicos de Sociologia e Antropologia da Educação*, François nos retrata que desde a antiguidade os povos tentam explicar a diversidade de culturas, porém, estas diferenças de comportamentos entre os homens começam a constituir um saber científico apenas no final do século XVIII. Ele explica que as primeiras sociedades estudadas pelos antropólogos são as sociedades longínquas, estas possuem as seguintes características: dimensões restritas, pois tiveram poucos contatos com os grupos vizinhos, sua tecnologia é pouco desenvolvida em relação à nossa e há uma menor especialização nas atividades e funções sociais. Assim, a antropologia atribui um objeto que lhe é próprio: o estudo das populações que não pertencem à civilização ocidental. No entanto, no início do século XX, a antropologia percebe que o universo “selvagem” também muda, percebendo então que o objeto teórico da antropologia consiste no estudo do homem inteiro e no estudo do homem em todas as sociedades.

1-Licenciado em Letras, Filosofia e Sociologia, Pós graduado em Inspeção, supervisão e orientação escolar, Pós graduado em Linguística, Mestre em Educação pela Universidade de Uberaba. Coordenador dos Cursos de Ciências Biológicas, Letras e Pedagogia na UNIFUCAMP, Monte Carmelo. MG

2-Graduada em Pedagogia, Pós graduada em Administração, Planejamento, Inspeção, Supervisão e Orientação Educacional pela UNIFUCAMP.

3- Graduada em Ciências Biológicas pelo UNIFUCAMP

O campo e a abordagem antropológicos

Laplantine relata que só pode ser considerada antropológica o estudo do homem por inteiro, que leve em consideração as múltiplas dimensões do ser humano e que existem cinco áreas principais da antropologia. A antropologia biológica estuda as variações dos caracteres biológicos do homem no espaço e no tempo. A pré-histórica estuda o homem através de vestígios enterrados no solo, podendo ser ossadas ou quaisquer marcas da atividade humana.

François afirma que a cultura é uma série de itens identificáveis, unitários, separados, mas que formam um “todo complexo”. Afirma ainda que a mudança nas sociedades se daria pela invenção, consequência aperfeiçoamento do espírito científico, sendo que este espírito teria soprado muito mais na sociedade do “eu” de maneira que por trás do ser “civilizado”, fossemos séries de homens até seu irmão mais primitivo. Os pesquisadores dispensaram, então, o trabalho de campo e a relativização, acreditando-se capazes de ter todo o conhecimento do “outro” dentro de si mesmo, porém desse modo não conseguiram nada.

O autor nos mostra a opinião de Morgan, segundo ele a “acumulação do saber” e o progresso das “faculdades mentais e morais dos homens” vão marcando as mudanças de estádios no caminho da evolução. Diante de seus estudos e avaliando itens culturais como governo e religião, por exemplo, ele dividiu os cem anos de história humana em três períodos básicos: selvageria, barbárie e civilização.

François Laplantine afirma que no século XX a antropologia consegue ver que as sociedades diferentes podem ter concepções da existência tanto diversas entre si quanto igualmente boas para cada uma. Franz Boas investigou muitas áreas do conhecimento humanístico, sendo o primeiro a perceber a importância de estudar as culturas humanas em suas particularidades, no entanto, tudo passa a ser infinitamente mais complicado no estudo das culturas humanas, já que ele não organizou e apresentou uma teoria da cultura que permitisse, a alguém que fizesse uma “história das ideias” antropológicas, torna-las como um conteúdo evidente do seu trabalho. Então, como consequência de um pensamento tão fértil, toda uma geração de antropólogos vai ser influenciada e vai desenvolver, em suas direções diversas, pistas, toques e intuições que, de alguma maneira, se ancoravam nos escritos e nos projetos de Boas.

Laplantine relata que Gilberto Freyre um ex-aluno de Boas escreveu o livro “*Casa Grande & Senzala*”, que aborda assuntos da língua à geografia, do povo à raça, da personalidade à família, mostrando que muito a ver com seu professor por, no mínimo, GETEC, v.8, n.21, p.90-92/2019

BRASÃO, H. J. P.; VILELA, P. A. L.; COCCO, D. D. A.

dois motivos: 1) oscilação e criatividade que Gilberto Freyre tão bem captou de Boas. 2) incrível capacidade de Boas para a formação de grandes alunos que perpetuaram suas visões da cultura humana e do fazer da Antropologia. Do mesmo modo, mais ou menos três grupos de alunos desenvolveram e exploraram algumas das ideias principais lançadas como sementes pelos trabalhos do professor.

François retrata alguns desses grupos. O primeiro é a escola personalidade e cultura, que produziu Antropologia e best-sellers. Esta comparou a sociedade americana com as sociedades tribais fazendo um trabalho de ida ao “outro” e volta ao “eu”. Estabeleceu fértil diálogo com as teorias produzidas pela Psicologia. Em resumo, instigou, agitou e renovou dentro da Antropologia. E um outro grupo relacionou a cultura e o ambiente. Esse foi motivado pelo antropólogo Julien Steward. Aqui, nesta visão, entram em cena problemas como a tecnologia empregada no meio ambiente, os modelos de comportamento e exploração de uma área ecológica e a busca de equilíbrio entre a esfera ambiental e a cultural.

Segundo François Laplantine Durkheim, Malinowski, Radcliffe-Brow foram pessoas importantes dentro das Ciências Sociais em Geral. Mas, antes de falar deles primeiro falou sobre o evolucionismo e o difusionismo. Para o evolucionismo a história tinha “H” maiúsculo, era única para toda a humanidade, ao longo do caminho da história, a hipótese evolucionista criava uma escada onde cada sociedade acumularia “progresso”, desde o mais “primitivo” até o dito homem “civilizado”. E o pensamento difusionista propunha o estudo da história concreta de cada cultura, os processos próprios de mudança, troca e empréstimo que as caracterizariam, aqui é uma história com “h” minúsculo. Radcliffe-Brow chegou a escrever que o verdadeiro conflito teórico na Antropologia não acontecia entre os diferentes tipos de difusionismo, o verdadeiro ponto de ruptura, a discussão realmente importante, situava-se no plano das escolhas ou de uma abordagem historicista ou de uma abordagem funcional.

O autor afirma que foi através do trabalho de campo que o mundo começa a ter presença, na vida concreta dos antropólogos, como uma experiência da diversidade. Contudo podemos dizer que a ideia do autor é aceita, porque nos leva a refletir sobre o conceito antropológico.

Esse livro é excelente, com uma interpretação clara e objetiva, recomendado a todas as pessoas que queiram saber um pouco mais sobre o conceito de antropologia e cultura.